

## O despertar de Finnegan: James Joyce e a leitura dos quadrinhos

José Arlei Cardoso<sup>1</sup>

**RESUMO:** Autor de obras como *Ulysses* (2012) e *Retrato do artista quando jovem* (1996), James Joyce é considerado um dos escritores mais relevantes do século XX. O presente estudo busca analisar o processo criativo e referencial de Joyce em *Finnegans Wake* (1992) através da narrativa dos quadrinhos, tendo por base obras como *Skreemer* (1990) e *Dotter of her fathers eyes* (2012), delimitando pontos de intersecção com as linguagens literárias e biográficas.

**Palavras-chave:** Quadrinhos; Literatura; Narrativas biográficas.

**ABSTRACT:** Author of works such as *Ulysses* (2012) and *A Portrait of the artist as a young man* (1996), James Joyce is considered one of the most relevant writers of the twentieth century. This paper aims Joyce's creative and referential process in *Finnegans wake* (1992) through the comic book narrative, based on works such as *Skreemer* (1990) and *Dotter of her fathers eyes* (2012), delimiting points of intersection with literary and biographical languages.

**Keywords:** Comics; Literature; Biographical narratives.

### Introdução

As obras do escritor irlandês James Joyce, reconhecidas como obras essenciais da literatura contemporânea, são exemplos de um minucioso exercício metanarrativo. Em *Ulysses*, esse exercício se revela pela grande quantidade de citações, neologismos e referências usadas por Joyce a partir da literatura e da história, gerando até mesmo a necessidade da publicação de livros-guias específicos, na tentativa de esclarecer detalhes obscuros que permeiam toda a obra. Devido a essa necessidade de esclarecimento, uma

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

grande parte da segunda versão<sup>2</sup> brasileira do livro de Joyce (2005), traduzida por Bernardina da Silveira Pinheiro, é reservada para o exercício explicativo sobre como a jornada de um dia de Leopold Bloom pelas ruas da cidade irlandesa de Dublin refaz o esquema narrativo do poema épico *Odisseia*, escrita por Homero, capítulo por capítulo. Ou seja, as notas explicativas detem-se em exemplificar, minuciosamente, todos os dezoito episódios do livro de Joyce, além da caracterização de todos os personagens, detalhadamente baseados nas ações da jornada trágica do herói Ulisses (Odisseu), que tenta retornar ao lar depois da Guerra de Troia. Já Galindo (2012), tradutor da terceira versão brasileira de *Ulysses*, publicada sem o acréscimo de notas explicativas, acredita que o livro de Joyce pode ser melhor aproveitado, no sentido da leitura, “deixando talvez as obsessões anotadoras para as leituras seguintes, que normalmente virão” (p. 7). O objetivo de Galindo, nessa tradução, foi o de tentar “apresentar o *Ulysses* como o que ele deve sempre ser em primeiro lugar: um romance, talvez o maior romance de todos, e não um quebra-cabeças exemplar” (GALINDO, 2012, p. 7).

### **1. Em nome do pai: a referencialidade de *Finnegans wake***

Depois do reconhecimento pela publicação de *Ulysses*, Joyce ainda iria entregar uma obra emblemática, considerada até mesmo revolucionária, que seria o seu último e enigmático trabalho. Segundo Cirne:

O último grande romance do século XX data de 1939: *Finnegans wake*. E, com toda certeza, continua sendo a obra literária mais plena de significações estético-informacionais, imponente em sua concretude vocabular: um verdadeiro desafio à imaginação mais fértil e mais criativa de qualquer produtor e/ou consumidor. O livro de Joyce, enquanto obra gerada pelos mecanismos da literatura, assume conscientemente a radicalidade de nossa época (1975, p.90).

Mesmo sendo uma obra de difícil compreensão linguística, já que Joyce usa expressões de diversas línguas para criar os mais variados neologismos, *Finnegans wake* tornou-se uma referência literária, servindo de inspiração para a criação de uma grande quantidade de obras que procuram

---

<sup>2</sup> A primeira versão brasileira obra *Ulysses*, de James Joyce, foi traduzida por Antônio Houaiss, em 1966.

compreender a sua história, mesmo que seja através da explicação de suas citações e supostas conexões. Em *Finnegans wake*, Joyce (1999) conta uma pretensa história da humanidade, usando uma linguagem tão onírica quanto complexa, já que parece tratar de um sonho ou de um conjunto de sonhos, ligados entre si. Considerado um livro da noite – enquanto *Ulysses* seria o livro do dia – *Finnegans wake* não possui uma trama clara, mas uma costura de diversas histórias que resultam em diferentes sentidos – e diferentes interpretações – para o leitor. Nesse caleidoscópio que é o exercício da leitura da obra (SCHÜLER, 1999, p.25), podemos apontar como um ponto de partida a morte do pedreiro bêbado Tim Finnegan, devido a uma queda, e a sua posterior ressurreição no funeral. HCE (que recebe inúmeras variações como *Humphrey Chimpden Earwicker*, *Here Comes Everybody*, *Howth Castle and Environs*, *Haroun Childeric Eggeberth*, *How Copenhagen Ended*, etc) surge então como a provável reencarnação de Finnegan e provável protagonista masculino da história – já que é partir de seus sonhos que várias outras histórias irão surgir e se complementar – e ALP (que também recebe variações como *Anna lívia Plurabelle*, *Annie Lawrie Promises* ou *Arrah of the Laccessive Pogue*, *appy leappy and playable*, *Alma Luvia Pollabella*, etc) surge como provável protagonista feminina. “Provável” porque é complicado apontar qualquer certeza em *Finnegans wake*, já que sua estrutura narrativa, aparentemente dispersa e confusa, mostra-se uma enigmática montagem de textos, um palimpsesto, com “o cuidado de não apagar nenhuma das escritas sobrepostas” (SCHÜLER, 1999, p.24). Os filhos surgem como os gêmeos Shem e Shaun (que também serão chamados como James e John, Jake e Jack, Jerry e Kevin, Mut e Mud, Shen e Jaun), os eternos rivais, os opostos que passam a vida brigando e disputam o amor da própria irmã Issy (ou Isabel, Isobel, Isolda, Isadora). Para Campos (2015), o romance de Joyce é moldado em “polaridades primordiais, em antagonismos mutualmente suplementares: o princípio masculino e o princípio feminino, HCE e ALP, o conflito *fraterno* dos irmãos Shem e Shaun, o Tempo e o Espaço, a Forma e a Matéria etc” (p. 30).

Em *Finnegans wake* os fatos narrados nunca se configuram em certezas e toda a realidade é construída por suposições e possibilidades. Essa incerteza se faz presente na investigação de um crime sexual, onde HCE é acusado de assediar duas mulheres à beira de um lago, seguido de seu envolvimento em um incidente com soldados bêbados em um parque. As diferentes versões e testemunhos da história – que podem revelar até mesmo um caso de incesto – e o surgimento de uma carta difamadora resultam na prisão e no julgamento de HCE, que acaba confessando seus supostos pecados e aceitando sua inevitável queda. Mas toda queda – e são muitas as quedas em *Finnegans wake* – resulta em uma força oposta: no levantar, no despertar, no renascer, no *Wake* – como a obra ficou conhecida – revela-se uma estrutura de recorrências cíclicas. Para Costa:

[...] no regimento de tudo, até mesmo do movimento do dia, Joyce encontrou esta ação comum, o cair. Porém, não sem se deparar com o seu oposto que faz toda a existência continuar a se mover: o levantar-se, o reerguer-se. [...] Assim, para o pecado existe a remissão. Depois da noite existe o dia. Após o fim de uma sociedade, seus indivíduos e valores remanescentes dão origem a novas sociedades. E na morte deixamos filhos gerados por nossa herança genética e cultural – ou, do ponto de vista mítico, renascemos no além-mundo. O novo começo terá uma história de evolução própria, com variantes talvez inéditas, mas ainda assim respeitará a ordem da queda que dá lugar à próxima ascensão. A visão tem inspiração no historiador e filósofo italiano Giambattista Vico (1668- 1744). Ele é responsável pela noção dos ciclos sociais históricos, compostos por quatro fases: teocrática (ou divina), aristocrática (ou heróica), democrática (ou humana) e caótica. Cada sociedade se funda por conta de uma crença, evolui para um sistema baseado em escravidão, depois para a democracia, até que inicia uma tendência à destruição mútua que a finaliza e dá espaço à origem de outra (2015, p.23).

Nesse emaranhado de situações e caminhos, encontramos incontáveis referências a outras obras literárias e culturais e também a personalidades e eventos históricos. Pelas páginas enigmáticas de *Finnegans wake* estão espalhadas as mais diversas histórias já contadas na Bíblia, em obras como *Alice no País das Maravilhas* e o *Livro dos Mortos* egípcio e em mitos como Tristão e Isolda, Adão e Eva e Caim e Abel, além de inúmeras alusões a personalidades como Buda, Giambattista Vico, Giordano Bruno, Freud, Napoleão, e o herói irlandês Finn McCool, entre outros.

Antes de ser publicado em livro, *Finnegans wake* foi lançado episodicamente em revistas literárias e recebeu o nome de *Work in progress* (trabalho em andamento). Na verdade, esses fragmentos da obra eram experimentos de Joyce, que inicialmente pouco agradaram ao público e à crítica literária, mas ficaram conhecidos pela sua complexidade linguística. Segundo Mandil:

[...] o próprio escritor já fizera alusão à necessidade de um leitor acometido de uma *insônia ideal*, capaz de atravessar a noite literária de *Finnegans wake*. [...] Diante do texto de Joyce, já não é mais suficiente a leitura passiva, de consumo. O leitor deve trabalhar, produzir o texto, chacoalhar cada frase ou palavra e observar o que se desprende diante de seus olhos (2003, p.16/17).

Com a exigência de um leitor dedicado para sua obra – Joyce “admitiu que queria manter os críticos ocupados pelos próximos trezentos anos” (O’BRIEN, 1999, p.156) – surge uma ideia de “imortalização” de seu nome que foi assimilada por muitos estudiosos, estes dedicando a vida para desvendar os mistérios nos textos de Joyce. Em 1929, Sylvia Beach, então editora de Joyce, organiza e lança o livro *Our exagmination round his factification of work in progress*. Nesse livro, 12 autores – chamados de 12 apóstolos por Joyce – escrevem artigos que reportam-se aos fragmentos do *Work in progress*, causando espanto e gerando as mais diversas críticas. Entre os “apóstolos” estavam incluídos Samuel Becket, Stuart Gilbert, Frank Budgen, Robert McAlmon e outros, “todos pontificando o simbolismo pré-lingual, influências áqueas, a geografia ribeirinha do livro, sendo os fatos mais cômicos que esféricos; escrito numa linguagem ébria, torta e efervescente” (O’BRIEN, 1999, p.156). Para Mandil (2003), dessa forma Joyce “intervém ativamente sobre a recepção de sua obra. Se esta se revela de difícil digestão, Joyce não se acanha em convidar os convivas que estariam à altura de seu banquete” (p.15-16).

A obra de Joyce ainda iria despertar a atenção de muitos estudiosos e interessados de áreas distintas, como Sigmund Freud e Jacques Lacan na psicanálise. Lacan, em seu seminário sobre a *A carta roubada* (1957), que falava sobre o conto de Edgar Allan Poe, faz menção ao jogo de palavras de Joyce, marca registrada de *Finnegans wake*. Posteriormente, Lacan viria a ajustar seu famoso conceito sobre sintoma<sup>3</sup> inspirado pela obra de Joyce. Para Mandil (2003), “a própria mudança do termo para *sinthoma* mostra uma forma de Lacan ‘Joycianizar-se’, pois usa os neologismos/palavras-valises/trocadilhos/ideogramas característicos de *Finnegans wake*” (p.20). No entanto, Lacan nunca teve intenção de fazer parte da família dos *spelitistes* em Joyce. *Spelitistes* é o modo como Jacques-Allain Miller se refere “aos *scholars* agregados em torno da obra de Joyce, fundindo joycianamente as palavras elites e *specialistes* à palavra inglesa *spelling* (soletrar) e sugerindo, assim, tratar-se uma elite de especialistas em letras” (MILLER *apud* MANDIL, p.21).

---

<sup>3</sup> Segundo Laia, “o termo *sinthoma* acabou por se associar ao que significa uma outra coisa, ao que veicula uma interpretação e pode ser objeto de uma análise, ao que comporta um certo saber inconsciente, Lacan recorre à grafia antiga para concernir à dimensão real do gozo do sintoma, para sublinhar a diferença entre o sintoma e as outras formações do inconsciente. Considerando que Joyce, com sua obra, apresenta-nos algo desse real, Lacan também, ao nomear esse autor e sua criação, recorre a um outro modo de se escrever o termo sintoma e, ao chamar Joyce de *le sinthome*, vai destacar que não é somente Joyce o sintoma – e o termo sintoma aparece, então, na sua grafia atual –, trata-se de Joyce como... desabonado do inconsciente” (2001, p.161).

Um dos *spelitistes* mais famosos foi James S. Atherton, autor do livro *Books at the wake* (1959), um estudo sobre a referencialidade de *Finnegans Wake* que mostra um exame detalhado das fontes literárias aparentemente usadas por Joyce na obra, passando pelo trabalho de escritores renomados como Lewis Carroll<sup>4</sup>, até escritores irlandeses desconhecidos e padres da Igreja Católica, todos possíveis referências e modelos de personagens da obra de Joyce. No entanto, para tentar montar e explicar o quebra-cabeças incompreensível de *Finnegans wake*, Atherton deixa de lado a sua própria família e acaba por criar uma relação conturbada com sua filha, Mary Talbot, que retrata essa história na premiada obra em quadrinhos *Dotter of her father's eyes*<sup>5</sup>, em 2012.

No Brasil, a tradução de *Finnegans wake* foi feita em partes pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos (no livro *Panorama do Finnengans wake*), integralmente por Donaldo Schüler (no romance *Finnegans wake/Finnicius revém*) e um trecho por Dirce Waltrick do Amarante (no livro *Para ler Finnegans wake de James Joyce*), que propõe uma leitura da obra pelo olhar feminino. Em todas as traduções percebemos interpretações completamente diferentes uma da outra, como se a obra fosse ajustada para o interesse de cada um. Talvez essa possibilidade de gerar olhares diferentes seja o que tem motivado milhares de estudiosos no mundo inteiro a buscar desvendar os enigmas do texto de Joyce. Na introdução de sua versão, Schüler (1999, p.25)<sup>6</sup> revela o desejo de “manter debate contínuo sobre a tradução e a reflexão da obra que revolucionou a arte narrativa do século XX”. Como a própria referencialidade de *Finnegans wake* ultrapassa suas páginas e seu texto literário, surgem novas hibridizações e imbricações a partir do uso de outras linguagens, como a pictórica e a audiovisual, que possibilitam o surgimento de novas ideias narrativas, dando uma nova dimensão ao quebra-cabeças linguístico de Joyce.

Nesse processo, a narrativa em quadrinhos merece destaque como um objeto de estudo

---

<sup>4</sup> Lewis Carrol, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, foi um escritor britânico do século XIX. Entre suas obras, destacam-se os clássicos *Alice no país das maravilhas* (1865) e *Alice no país do espelho* (1872).

<sup>5</sup> A palavra *Dotter* é um neologismo retirado de *Finnegans wake* – citado como “the dotter of his eyes” (JOYCE, 372:3-4) –, que serve como referência criativa para a obra de TALBOT e TALBOT (2012).

<sup>6</sup> No Brasil, a obra *Finnegans wake*, traduzida por Donaldo Schüler, recebeu o acréscimo de *Finnicius Revém* no título. Nesse estudo, optamos por usar a grafia original para efeito de comparação com outras obras que são identificadas pelo nome *Finnegans wake*.



vasto e profundo, apresentando inúmeras possibilidades de criação dentro do universo criado por Joyce. Como são raríssimas as adaptações das obras de Joyce para os quadrinhos, é preciso destacar as histórias em quadrinhos que usam as criações joycianas como elementos referenciais e basilares de suas tramas originais. Mas afinal, que relação entre Joyce e os quadrinhos podemos apontar?

## **2. A menina dos olhos do pai: Joyce e os quadrinhos**

Em 1907, o autor de quadrinhos Bud Fisher propôs a criação de uma história em quadrinhos em forma de uma tira diária (MOYA, 1993, p.40). Até então, os quadrinhos ocupavam os espaços dos suplementos dominicais coloridos dos jornais americanos, sendo publicados em forma de painéis, ocupando meia ou uma página inteira do jornal (CHINEN, 2011, p. 10), e normalmente utilizavam uma narrativa cômica e caricata para complementar as informações jornalísticas ou apenas como entretenimento.

O primeiro personagem criado por Bud Fisher para as tiras foi Mutt, que se destacava por ser muito alto e viciado em apostas de cavalos. Tempos depois, surgiu Jeff, frequentemente chamado de baixinho, que saiu de um manicômio para fazer par com Mutt e transformar a tira em um grande sucesso, contribuindo para o aumento da fama das duplas artísticas, que já tinham grande atenção popular na época, devido principalmente às aventuras dos contemporâneos Sherlock Holmes e Dr. Watson, personagens literários criados pelo escritor britânico Arthur Conan Doyle em 1887. Apesar de seguirem linhas narrativas diferenciadas – uma dupla apostava em histórias detetivescas e a outra em histórias essencialmente cômicas – tanto Sherlock e Dr. Watson quanto Mutt e Jeff usavam a estratégia de contrapor personagens com personalidades antagônicas, que se complementavam de forma improvável e se destacavam pela surpreendente integração. Dessa forma, o prático Mutt e o inocente Jeff influenciaram o cenário artístico em geral, principalmente o cinema, criando uma dinâmica própria e, provavelmente, inspirando a criação de inúmeras duplas de artistas cômicos, com destaque para Oliver Hardy e Stan Laurel, conhecidos mundialmente como *O Gordo e o Magro* (GEHRING, 1990, p.48).

Apesar de aparentemente apresentar um conceito genérico de diversão infantil, a tira *Mutt & Jeff* conquistou público e crítica, tornando-se um dos maiores sucessos dos quadrinhos mundiais: foi publicada na forma de coletânea, transformou-se em desenho animado para o cinema em 1916 e foi publicada durante 75 anos. Além disso, era reconhecidamente apreciada por diversos artistas, entre

eles o escritor James Joyce. Segundo Eco (1974) – citando Richard Ellmann, um dos mais famosos biógrafos do escritor irlandês – Joyce acompanhava as histórias em quadrinhos pelos jornais, chegando a incluir *Mutt & Jeff* na sua obra *Finnegans wake* (ECO, 1974, p.81). No livro de Joyce, Mud e Jute – Mutt e Jute na versão original em inglês<sup>7</sup> – travam vários diálogos sobre diálogos:

Escuita, meu chapa! Tu tolera daneis? N. Tu escova scoceis? Nn. Tu espicha engleis? Nnn. Tu saxo fona? Nnnn. Claro tá só tudo! É um jute. Vamos chocar os cinco e checar xertos verbos flertes e flacos de parte a parte assim e ossudo sobre crimes de gregos.

Jute. – Ju tá!

Mud. – Hein cantado.

Jute. – Tu's urdo?

Mud. – Tal veis

Jute. – Mas não ei s urdomudo

Mud. – Nonada s'urdidor [...] <sup>8</sup>

(JOYCE, 1999, p. 57).

O apreço de Joyce por *Mutt & Jeff* também pode ter relação com um provável autoreconhecimento nas características físicas e psicológicas das personagens da tira. Mutt poderia espelhar o próprio Joyce, inclusive na sua capacidade de criar situações incríveis para perder todo o seu dinheiro, e Jeff encontraria seu reflexo exato em Stanislaus, o irmão mais jovem de Joyce, que além de amigo apoiou o escritor nos piores momentos de sua vida. Segundo Anderson, Stanislaus tornou-se:

[...] o guardião de seu irmão, fazendo a formiga para a cigarra de Joyce, o provisor para o gastador, o guarda para o bêbado, o “sujeito sério” para o comediante. Mesmo na aparência, os irmãos formavam um contraste impressionante – Stanislaus sóbrio, baixo, ombros largos; Joyce alegre, magro, desconjuntado, frágil: Shaun, o carteiro, e Shem, o escriba, como

---

<sup>7</sup> *Mutt e Jute* – uma das inúmeras variações de nomes dos irmãos Shem e Shaun em *Finnegans Wake* –, receberam os nomes de *Mud e Jute* na versão brasileira da obra, traduzida por Donald Schüler.

<sup>8</sup> Do original: “Scuse us, chorley guy! You tollerday donsk? N. You tolkatiff scowegian? Nnnn. Clear all so! ‘Tis a Jute. Let us swop hats and excheck a few Strong verbs weak oach eather yapyazzard abast the bloody creeks. Jute. – Yutah! Mutt. – Mukk’s pleasurad. Jute. – Are you Jeff? Mutt. – Somehards. Jute. – But you are not jeffmute? Mutt. – Noho. Only an utter.” (JOYCE, 16:5-16). Como todas as edições de *Finnegans Wake* publicadas no mundo inteiro mantêm a mesma paginação para referência, usa-se uma forma padrão de identificação, como por exemplo (JOYCE, 03:15-23). Por isso, a partir desse momento, sempre que fizermos referência à obra original de Joyce, iremos adotar a paginação padrão usada internacionalmente, sendo que 03 indica a página e 15-23 indicam as linhas onde o texto está localizado. Nesse caso, sempre que as referências estiverem grafadas com o nome de Joyce seguido da paginação e das linhas, estaremos referindo-nos à obra *Finnegans Wake*.



Joyce retratou a ambos em *Finnegans Wake*, como posta e pena, pedra e tronco (1989, p.65).

Eco (1974) também confirma o conhecimento e o interesse de Joyce pelos quadrinhos em um estudo sobre a obra literária *Finnegans wake*, de James Joyce. Nesse estudo, ao analisar a interação dos mecanismos metafóricos e metonímicos, usados como exemplo na obra de Joyce (p.78), Eco aponta que determinado personagem do livro, chamado Mandrake, é uma citação direta da personagem em quadrinhos de mesmo nome. Com isso, contrapõe os argumentos do crítico James Atherton, autor do livro *Books at the wake*<sup>9</sup> – e renomado estudioso da obra de Joyce – sobre quem realmente é o Mandrake citado na obra. Segundo Eco (1974), Joyce se refere, “na parte III, capítulo 3, de *Finnegans Wake*” (p.80), a um personagem chamado Mandrake, defendido por Atherton (1959) como sendo uma referência ao Padre da Igreja Minucio Felice (em latim Minucius Felix). Para Eco:

Atherton provavelmente não tinha presente o mundo das *comics strips* (que Joyce, e isso sabemos desde Richard Ellmann, conhecia e acompanhava muito bem através das tiras cotidianas dos jornais da época); do contrário, teria pensado que Mandrake podia ser “Mandrake the Magician”, o popular personagem de Lee Falk e Phil Davis. Joyce, que em *Finnegans Wake* recorre a personagens das estórias em quadrinhos, como por exemplo Mutt e Jeff, não podia ignorar esse característico personagem (1974, p.81).

Através de uma análise minuciosa, que compara as características dos Mandrakes de *Finnegans wake* e dos quadrinhos, Eco mostra ligações que julga coerentes entre os dois e constata que “a relação entre as duas personagens, no interior do contexto joyciano, se esclarece plenamente” (p.81). Portanto, para Eco, talvez o desconhecimento sobre quadrinhos por parte de Atherton tenha feito com que ele, provavelmente, tivesse construído uma ideia diferente do que Joyce queria expressar. Paradoxalmente, Atherton seria reconhecido, muitos anos depois, exatamente por ser um dos personagens centrais de *Dotter of her father's eyes*, obra em quadrinhos escrita por sua filha Mary Talbot. Em uma das sequências da obra, Mary inclusive relembra que o pai costumava permitir que ela comprasse, em uma loja de

---

<sup>9</sup> *Books at the wake*, escrito em 1959 por James S. Atherton, é um dos livros mais completos sobre a obra *Finnegans wake*, do escritor James Joyce. Na obra, Atherton busca listar, desvendar e explicar as referências artísticas usadas por Joyce em *Finnegans wake*.

antiguidades, a “Punch Magazine”<sup>10</sup> (p.31), uma revista ilustrada britânica criada em 1841 – sendo editada até 1922 – que ficou conhecida pelo seu conteúdo de humor e sátiras, tendo como destaque os *cartoons* políticos e sociais e as histórias em quadrinhos. Além disso, podemos perceber outra referência sobre os quadrinhos em *Dotter of her father’s eyes* quando Mary relata a história da família Joyce, que morava apertada em um quarto de hotel barato em Paris. Como os materiais de trabalho de James Joyce ocupavam todo o espaço do quarto, sua filha Lucia divertia-se lendo as revistas e jornais do pai, entre eles a história em quadrinhos *Gasoline Alley*, de Frank King, criada em 1918. A obra *Gasoline Alley* retratava o cotidiano de um grupo de amigos fanáticos por carros, até que um deles é obrigado a cuidar de um bebê abandonado na porta de sua casa (p.38).



Figura 1: Montagem de *Dotter of her father’s eyes* – *Punch* e *Gasoline Alley*<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Disponível em <<http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/serial?id=punch>> e <http://www.punch.co.uk/about/>. Acesso em: 13 jul. 2017.

<sup>11</sup> Fonte: Talbot e Talbot, 2012, p.38.

Nesse caso, podemos pressupor que a escolha de *Gasoline Alley* para representar o contato de Lucia com os quadrinhos é também simbólica, já que a obra foi inovadora na época ao mostrar uma história em quadrinhos com continuidade em tempo real, fazendo com que suas personagens envelhecessem com o passar dos anos, exatamente como a condição (auto) biográfica tratada em *Dotter of her father's eyes*.

Por isso podemos dizer que, se os quadrinhos não se arriscaram a fazer adaptações das obras de Joyce, com certeza souberam assimilar seus jogos literários de referencialidade. Em *Skreemer* (1990), o nome de Joyce está constantemente presente através da lembrança das personagens e dos relatos do narrador: “se ele tinha uma filosofia, era a de que a vida era assim. Andava em círculos e era complicada demais para se compreender. Deixe esse negócio para Deus e James Joyce, ele costumava dizer” (MILLIGAN; EWINS, 1990, p.14). Apesar de contar uma violenta e dramática história sobre um futuro distópico – com guerras de gangsters, críticas sociais e disputas políticas – *Skreemer* tem em seu coração uma profunda admiração pela obra de Joyce. Tanto que seus quadros mostram uma reconfiguração da vida de Tim Finnegan, contando sua história de morte e renascimento, sempre citando o livro de Joyce, *Finnegans wake*, e cantando uma popular canção irlandesa também chamada “Finnegan’s Wake”: “Não é verdade o que contei a vocês? Muita diversão no despertar de Finnegan” (MILLIGAN; EWINS, 1990, p.168). Mais do que isso, *Skreemer* também reconstruía vários conceitos aplicados por Joyce em *Finnegans wake*, como a história ligada pelas quedas do ser humano e a vida estruturada pelas recorrências cíclicas, inspirada nas ideias do filósofo Giambattista Vico.

Em *Skreemer*, Mulligan e Ewins (1990) fazem uma releitura metaficcional da história presente na canção popular do folclore irlandês e na obra de Joyce, incluindo tanto a canção quanto o livro como elementos presenciais e constituintes da história. A canção intitulada “Finnegan’s Wake”, cuja narrativa serviu de inspiração para o livro de Joyce, conta a história de um bêbado chamado Tim Finnegan, que cai de uma escada e quebra a cabeça, sendo ressuscitado em seu funeral, quando os amigos derramam uísque sobre seu cadáver. Criada em 1850 por um autor desconhecido, a história da canção popular está presente no primeiro capítulo de *Finnegans wake*, onde Joyce descreve a queda de Finnegan:

A queda (bababadalgharaghtakamminarronkonnbronntonneronntuonnthunntrovarrhounawnskawntoohooorderenthurnuk!) dum dantanho velhonario é relatada cedo no leito, depois sabe no conceito ao longo de toda a cristã menestrelidade. A grande queda desdeo altomuro arrastou em curtolance a pftjqueda de Finnegan, varão outrora mais q'estável, que a vaziamontesta lá dele prumptamente desvestiga quem lhe diga no Ocidente o acidente da perda dos dedos dos pés: e seu parcoespaçoepouso é na porta do

parque, lugar de arranjos de ornges mofados sobre o verde desde que Diadublim um diamou Livividinha (1999, p.31).<sup>12</sup>

*Skreemer* se vale da linguagem dos quadrinhos para contar a história de três gerações da família Finnegan e de suas relações com o mafioso Skreemer, em uma história brutal sobre as fronteiras entre destino e livre arbítrio. Nesse cenário, vemos a queda da família Finnegan e seu renascimento, a partir do despertar de Tim Finnegan, em uma jornada marcada pela lembrança constante da canção “Finnegan’s Wake” e do livro de Joyce, cujas narrativas servem de memória e inspiração para a reconstrução da família.



Figura 2: Montagem de *Skreemer* – referência a *Finnegans wake*<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Do original: “The fall (bababadalgharaghtakamminarronkonnbronntonnerronntuonnthunntrovarrhounawns-kawntoohooordenenthur nuk!) of a once wallstrait oldparr is retaled early in bed and later on life down through all christian minstrelsy. The great fall of the offwall entailed at such short notice the pftjschute of Finnegan, erse solid man, that the humptyhillhead of humself promptly sends an unquiring one well to the west in quest of his tumptytumtoes: and their upturnpikepointandplace is at the knock out in the park where oranges have been laid to rust upon the green since devlinsfirst loved livvy” (JOYCE, 03:15-23).

<sup>13</sup> Fonte: Milligan e Ewins, 1990, p.14-15.



A canção "Finnegan's Wake" também encerra a história em quadrinhos biográfica *Dotter of her father's eyes*. O trecho final da canção – “não é verdade o que eu disse? Muita diversão no despertar de Finnegan”<sup>14</sup> – é sutilmente disposto sobre a última página do livro *Finnegans Wake*, de James Joyce, onde se lê a frase “Meu frio frenético feerível pai”<sup>15</sup> (TALBOT; TALBOT, 2012, p. 89), a mesma frase que inicia a história de *Dotter of her father's eyes* (p.3), destacando sua recorrência cíclica. A obra em quadrinhos, escrita por Mary Talbot e ilustrada por Bryan Talbot, foi vencedora do prêmio *Costa Book Awards*, um dos mais renomados prêmios literários europeus, em 2013. Esse feito inédito – nunca uma obra em quadrinhos havia sido indicada para o prêmio literário – foi destacado pelos julgadores do *Costa Book Awards*, que consideraram o prêmio como um reconhecimento para uma obra que “atravessa as fronteiras entre a literatura e o gênero gráfico com efeito extraordinário”<sup>16</sup>.



Figura 3: Trecho de *Dotter of her father's eyes*<sup>17</sup>

<sup>14</sup> Do original: “Isn’t it the truth I told you? Lots of fun at Finnegan’s Wake” (TALBOT; TALBOT, 2012, p.89)

<sup>15</sup> Do original: “My cold mad feary father” (JOYCE, 628:2)

<sup>16</sup> Análise publicada no jornal *The Guardian*, em janeiro de 2013. Disponível em <http://www.theguardian.com/books/2013/jan/02/costa-awards-graphic-novel-biography>. Acesso em: 13 jul. 2017.

<sup>17</sup> Fonte: Talbot e Talbot, 2012, p.20.

Em *Dotter of her father's eyes*, o romance *Finnegans wake* serve como base para a busca de compreensão nas relações entre a autora Mary Talbot e seu pai, James S. Atherton, reconhecido como um dos mais famosos estudiosos da obra de Joyce. Na história, o processo criativo da obra *Books at the Wake*, escrita por Atherton, é descrito como uma barreira para o entendimento entre pai e filha. Paralelamente, Mary Talbot também relata em *Dotter of her father's eyes* a biografia de Lucia Joyce, adaptado do livro biográfico *Lucia: to dance in the wake*, escrito por Carol Loeb Shloss, cuja relação familiar era semelhante a sua. Lucia era filha do escritor James Joyce e também tinha uma relação conturbada com o pai. Exímia dançarina, Lucia foi diagnosticada com esquizofrenia e ficou internada por mais de trinta anos em instituições psiquiátricas, sempre supervisionada pelo pai. A partir das informações do livro de Shloss, Mary passa a traçar um paralelo entre sua vida e a vida de Lucia, mostrando como suas relações familiares, principalmente paternas, foram determinantes em suas trajetórias biográficas, e como o nome de Joyce foi, ao mesmo tempo, um fardo e um motivo para se orgulhar. A incompreensão é o sentimento que permeia as histórias e se interliga com a incompreensão gerada pela obra *Finnegans wake*, elemento constitutivo da história.

## Conclusão

As obras literárias de James Joyce mostram a capacidade que a narrativa tem de provocar, de instigar, de propor ideias diferentes, com os mais diversos resultados. Partindo dos seus romances enigmáticos como *Ulysses*, passando pelos contos de *Dublinenses*, pelos poemas de *Pomas*, *um tostão cada* e chegando até mesmo a sua obra infantil *O gato e o diabo*, as obras de Joyce dividem opiniões, mas não passam despercebidas pelas análises literárias. *Finnegans wake* talvez seja o ponto alto dessa provocação, pois é impossível ficar indiferente ao complexo universo criado por Joyce. Podemos comprovar isso pela incrível quantidade de estudos sobre a obra, sempre diferentes e criativos.

No entanto, esses estudos não concentram-se apenas na área literária. Eles buscam recortes entre diversas linguagens, como a dos quadrinhos, refletindo uma tendência híbrida e diversificada das narrativas em seus diversos formatos. Como exemplo dessa intersecção



entre quadrinhos e literatura, a obra *Dotter of her father's eye*, que conta as histórias de duas mulheres cujas vidas são determinadas pela incompreensão nas relações paternas, apresenta várias camadas interpretativas, onde a estrutura apresentada por James Joyce em suas obras é mimetizada para propor um jogo referencial, evidenciado e reforçado pela linguagem sequencial – de caráter imagético e textual – própria dos quadrinhos.

Dessa forma, ao seguir a mesma linha adotada por James Joyce, Talbot e Talbot (2013) carregam nas referências intertextuais e metalinguísticas, tornando a narrativa de *Dotter of her father's eyes* tanto um marco nas histórias em quadrinhos quanto um quebra-cabeças literário e referencial que constrói, a partir da linguagem híbrida dos quadrinhos, um panorama onde realidades biográficas e autobiográficas se imbricam e se consolidam como elementos relevantes no cenário contemporâneo, tanto histórico quanto cultural. Da mesma forma, enquanto se baseia e se apoia nas obras de Joyce, a obra também busca construir um espaço de reestruturação dos quadrinhos com o intuito de valorizar suas propostas artísticas, que estão além de uma proposta meramente comercial, demonstrando clarificar a real importância dos processos narrativos para o desenvolvimento humano e social. Uma hibridização, por assim dizer, que vai além da simples integração entre texto e imagem.

## Referências

AMARANTE, Dirce Waltrick do. *Para ler Finnegans Wake de James Joyce*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

ANDERSON, Chester G. *James Joyce*. Tradução de Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

ATHERTON, James S. *Books at the wake: a study of literary Allusions in James Joyce's Finnegans Wake*. New York: Viking Press, 1959.

CAMPOS, Augusto & Haroldo. *Panorama do Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CAMPOS, Augusto. *Poesia antipoesia antropofagia & cia*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

CHINEN, Nobu. *Linguagem HQ: conceitos básicos*. São Paulo: Criativo, 2011.

CIRNE, Moacy. *Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa*

quadrinizada. Petrópolis: Vozes, 1975.

COSTA, Ana C. F. *Estabilidade e instabilidade no Finnegans Wake de James Joyce*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade do Paraná. Defesa e aprovação em 2014. Disponível em  
<<http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/36265/R%20-%20D%20-%20ANA%20CAROLINE%20FERREIRA%20COSTA.pdf?sequence=1>>

ECO, Umberto. *As formas do conteúdo*. São Paulo: Ed. USP, 1974.

ELLMANN, Richard. *James Joyce*. New York, Oxford, Toronto: Oxford University Press, 1982.

GALINDO, Caetano W. Nota do tradutor. In: JOYCE, James. *Ulisses*. Tradução de Antônio Houaiss. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GEHRING, Wes D. *Laurel & Hardy: a bio-bibliography*. Connecticut (EUA): Greenwood, 1990.

JOYCE, James. *A portrait of the artist as a Young man*. England: Cox & Wyman, 1996.

JOYCE, James. *Finnegans Wake*. Londres: Penguin, 1992.

JOYCE, James. *Finnegans Wake / Finnicus Revém*: Volume 1. Tradução de Donaldo Schüler. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

JOYCE, James. *Finnegans Wake / Finnicus Revém*: Volume 2. Tradução de Donaldo Schüler. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

JOYCE, James. *Finnegans Wake / Finnicus Revém*: Volume 3. Tradução de Donaldo Schüler. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

JOYCE, James. *Finnegans Wake / Finnicus Revém*: Volume 4. Tradução de Donaldo Schüler. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

JOYCE, James. *Finnegans Wake / Finnicus Revém*: Volume 5. Tradução de Donaldo Schüler. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

JOYCE, James. *Ulisses*. Tradução de Antônio Houaiss. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

JOYCE, James. *Ulisses*. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

JOYCE, James. *Ulysses*. Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

LACAN, Jacques. *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LAIA, Sérgio. *Os escritos fora de si: Joyce, Lacan e a loucura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LAIA, Sérgio. *O artista e a obra: o caso James Joyce*. Publicado em: *Ornicar? Digital*, Revue électronique multilingue de psychanalyse publiée à Paris. N° 243. Junho de 2003. Disponível em <<http://www.wapol.org/ornicar/articles/lsr0076.htm>>

MANDIL, Ram. *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. 2003.

MILLIGAN, Peter; EWINS, Brett. *Skreemer*. São Paulo: Abril Jovem, 1990.

MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

O'BRIEN, Edna. *James Joyce*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

SHLOSS, C.L. *Lucia Joyce: to dance in the wake*. New York: Farrar, Strauss, Giroux, 2003.

SCHÜLER, Donaldo. Introdução. In: JOYCE, James. *Finnegans Wake / Finnicus Revém*. Livro I. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

TALBOT, Mary M.; TALBOT, Bryan. *Dotter of her father's eyes*. London: Jonathan Cape, 2012.